

## UMLIVROSEMPRELEBRADO

Duílio BATTISTONI FILHO

Os livros de memórias estão alcançando grande espaço nas livrarias brasileiras, sejam de autores nacionais ou estrangeiros. As memórias sempre provocam comoção. Pois, o que são os diários, as notas e os registros senão uma tentativa de deter a marcha inexorável da vida e do tempo? "Esse tempo que passa, que tudo desloca e destrói", no dizer, do antropólogo Roberto da Mata. Escrever, portanto, num pedaço de papel ou num caderno as suas impressões da vida é um ato de bravura na eterna luta do homem contra a indiferença da sociedade e do mundo.

Cada geração tem, de sua cidade, a memória dos acontecimentos, que são pontos de amarração de sua história. O caudal de lembranças, correndo sobre o mesmo leito, guarda episódios notáveis que já ouvimos tantas vezes de nossos avós. Quantas lembranças temos do nosso primeiro bairro. Aliás, a antropóloga Ecléas Bosi nos diz que "o bairro tem uma biografia (...), tem uma infância, juventude e velhice. Esta, como a das árvores é a quadra mais bela, uma vez que sua memória se constituiu. Na história de vida podemos acompanhar as transformações do espaço urbano; a relva que cresce livre, a ponte lançada sobre o córrego, a divisão dos terrenos, a primeira venda, o primeiro bazar. Por todos estes motivos é que nós desejamos participar com os antigos memorialistas de uma esperança comum".

É claro que todo livro de memórias pode lançar muitas dúvidas sobre a autenticidade e sinceridade dos fatos ali narrados. Há casos de autores que desvirtuam completamente os acontecimentos com o mero propósito de se vingar de alguém, por causa de uma injustiça ou uma nomeação em que ele não foi indicado, muitas vezes por inveja ou ciúme. Existem também aqueles que escrevem por vaidade. Entretanto, existem aqueles honestos que amam a verdade e, com seu depoimento, procuram esclarecer certos fatos que se tornaram obscuros na vida política, econômica e literária do país em que estão inseridos.

Alguém disse que quem escreve memórias quer adiar a morte. Mas o homem é finito, fraco e tem que se preparar com dignidade para recebê-la, pois, se somos humanos, é porque temos consciência de nossa passagem na terra.

Esses pensamentos humanos surgiram durante a leitura do livro "O velho Felix e suas memórias de um Cavalcanti". Nele, Felix Cavalcanti Albuquerque de Mello anota os eventos que mais marcaram sua longa vida, entre 1821 a 1901, em Recife. Publicado pela primeira vez, em 1959, pela José Olympio na Coleção Documentos Brasileiros e reeditado, em 1989, em Pernambuco, pela Editora Massangana, com dois longos e brilhantes prefácios de Gilberto Freyre.

Nesse diário, o velho Felix registrou alguns acontecimentos que marcaram sua vida: eventos políticos que o frustraram, como por exemplo, a proclamação da República, mudanças sociais que o preocuparam, hábitos que o deleitaram como os romances de Alexandre Dumas e os livros de História como o de Cesar Cantu, coisas que o feriram, como a morte dos filhos, escravos, esposa e netos, todos tomados pelo mesmo silêncio insoldável da morte, embora cada qual se situasse de modo altamente diferenciado em termos de estrutura e da organização da casa e da família. Morte que fazia o velho Felix mudar de casa, como era comum num Brasil antigo que não era povoado por imagens de TV mas pelos fantasmas dos membros da família que surgiam nos sonhos dos mais sensíveis e nos altos e escuros corredores que davam calafrios nas crianças.

Assim, o velho Felix muda de residência como quem muda de gravata, na vã esperança senão de escapar da morte que rondava a vida de família dos brasileiros da época com uma presença deveras assustadora, mas para talvez exorcizar aquilo que nem a morte tira dos brasileiros que sobrevivem à passagem dos seus entes queridos, a saudade que dói e ao mesmo tempo confirma as trajetórias de cada um neste mundo.

Elá vai o velho Felix marcando nascimentos, mudanças, casamentos, falecimentos, nomeações pessoais e de irmãos, filhos, e netos para cargos públicos, revoltas populares (como Mata-mata marinho que ocorreu em 1847 e foi um movimento regado a sentimentos anti-lusos), o fim da Revolta Praieira, exonerações, chegadas e partidas de parentes, a presença de epidemias, a morte de vultos históricos que admirava, lembranças comoventes, como a de sua mãe, as doenças de família, registros urbanos da cidade do Recife, que em julho de 1867 tinha 8.875 casas, os batizados, as formaturas, a chegada de bispos e políticos, as pancadarias de pessoas conhecidas por parte da polícia, os acidentes, como o de um menino que caiu da torre de uma Igreja; as secas e enchentes, as grandes lutas políticas locais, as saudades do se primeiro neto,

falecido quando era adolescente. Numa palavra, o velho Felix singelamente registrou esses eventos que constituíram a sua vida.

Portanto, esse livro ocupa um lugar muito significativo na História Social do Brasil e que merece uma leitura atenta, principalmente, daqueles que amam a história pernambucana.